

## O TEMA DA SACIEDADE E A REPRESENTAÇÃO DO GUERREIRO NA *ILÍADA*<sup>1</sup>

Christian Werner\*

Recebido em: 30/09/2019

Aprovado em: 21/10/2019

\* Professor Livre-docente de língua e literatura grega, Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa, CNPq.  
crwerner@usp.br



**RESUMO:** O propósito deste texto é discutir o tema da saciedade na *Iliada*, partindo do canto 19, no qual o desejo insaciável de Aquiles pelo combate imediato se choca com a visão de Odisseu de que o homem muito rapidamente se sacia do combate. Defende-se que, embora predomine no poema uma qualificação negativa da guerra, o tema da saciedade pode sugerir ao receptor que desejo e prazer também têm um papel na representação da atividade do guerreiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homero; *Iliada*; saciedade; guerra; Aquiles.

### THE SATIETY THEME AND THE REPRESENTATION OF THE WARRIOR IN THE ILIAD

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to discuss the satiety theme in the *Iliad* starting from book 19, in which Achilles' insatiable desire for immediate fight is opposed by Odysseus' perception that men are quickly satiated in combat. It is argued that although war is negatively qualified overall in the poem, the satiety theme may suggest to the recipient that desire and pleasure also play a role in the representation of the warriors' activity.

**KEYWORDS:** Homer; *Iliad*; satiety; war; Achilles.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil.

Colonel Reed: You the guy in the flaming car, Sergeant James?  
 Staff Sergeant William James: Afternoon, sir. Uh... uh, yes, sir.  
 CR: Well, that's just hot shit. You're a wild man, you know that?  
 SSWJ: Uh, yes, sir.  
 CR: He's a wild man. You know that? I want to shake your hand.  
 SSWJ: Thank you, sir.  
 CR: Yeah. How many bombs have you disarmed?  
 SSWJ: Uh, I'm-I'm not quite sure.  
 CR: Sergeant?  
 SSWJ: Yes, sir.  
 CR: I asked you a question.  
 SSWJ: Eight hundred seventy-three, sir.  
 CR: Eight hundred... and seventy-three! Eight hundred...  
 and seventy-three. That's just hot shit. Eight hundred and seventy-  
 -three.  
 SSWJ: Counting today, sir, yes.  
 CR: That's gotta be a record. What's the best way...  
 to... to go about disarming one of these things?  
 SSWJ: The way you don't die, sir.  
 CR: That's a good one. That's spoken like a wild man. That's good.  
 (Kathryn Bigelow, *The Hurt Locker*, 2008)

A partir do canto 18 da *Ilíada*, que inicia com Aquiles recebendo a notícia da morte de Pátroclo, a ação principal do poema é dominada pelo herói, sobretudo pela sua vingança implacável contra Heitor e, em consequência, contra os troianos de forma geral. Meu objetivo neste artigo é discutir o tema da saciedade no poema,<sup>2</sup> partindo de sua utilização no canto 19, a fim de explorar a qualificação da atividade de combate e a essência do guerreiro: por um lado, o peso da nutrição na definição sincrônica do tema da saciedade aponta para a mortalidade dos agentes humanos do poema; por outro, as façanhas guerreiras exacerbadas do maior herói do poema o aproximam de deuses e animais, em particular, pela sua dedicação incansável à morte de troianos. Dito de outra forma: se o que define o homem mortal é a comida e a bebida ingeridas diariamente, o que define Aquiles é, por metonímia, o sangue dos inimigos mortos.

## COMBATE E ALIMENTAÇÃO NO CANTO 19 DA *ILÍADA*

Quando inicia o canto 19, Tétis traz as armas produzidas por Hefesto a Aquiles e lhe instrui a entrar no combate assim que abdicar em público de sua cólera contra Agamêmnon (34-6).<sup>3</sup> Ele a obedece, mas Agamêmnon, embora lhe exorte a comandar os aqueus, busca

<sup>2</sup> A definição de tema pressuposta é a de De Jong (2001, p. xviii): “a recurrent topic which is essential to the narrative as a whole”.

<sup>3</sup> As edições de Homero utilizadas são as de van Thiel (1991 e 2010); as traduções, de minha autoria (2018a e 2018b). A edição da *Teogonia* é a de West (1966) e a tradução é igualmente de minha autoria (2013).

fazer com que primeiro aceite os mesmos presentes que lhe ofertara no dia anterior (137-144), quando seguiu tática proposta por Nestor para trazê-lo de volta à luta (*Il.* 9, 103-13). Aquiles, porém, coloca os presentes em segundo plano e insiste no combate imediato (146-53). Odisseu então intervém: ele afirma ser necessário os aqueus se alimentarem antes da luta e propõe que os líderes participem de um banquete (*daís*), o qual, em conjunto com os presentes de Agamêmnon, contribuiria para selar publicamente o fim das hostilidades entre Agamêmnon e Aquiles (155-83).<sup>4</sup> Agamêmnon apoia Odisseu (185-97), mas Aquiles insiste com redobrada ênfase que o cuidado com a alimentação ao invés da vingança não faz sentido em vista do cadáver do amigo morto (199-214). Na sequência, Odisseu faz um novo discurso, insistindo na natureza humana dos combatentes: sem se alimentar, não há como eles guerrearem (216-37).<sup>5</sup>

A menção da alimentação perpassa esses discursos de Odisseu, Agamêmnon e Aquiles, e explicita-se de forma cada vez mais incisiva que a Aquiles só interessa o combate, tanto nas falas do próprio Aquiles (148-53, 213-4) como nas de Agamêmnon (142, 189).<sup>6</sup> Odisseu, por sua vez, é mais sutil e o faz de forma implícita ao exortar Aquiles a dar ordens para que os aqueus se alimentem (171-2), ao que Aquiles se nega de forma taxativa (205-10). Essa sequência e a determinação de Aquiles de não ingerir alimento algum (205-13) sugerem que sua fonte de energia virá do sangue dos que ele matar em combate, especialmente porque ele próprio quase o afirma (213-4): “disso [*sc.* comida ou bebida] não me ocuparei no juízo, / e sim de matança, sangue e do aflitivo gemido dos varões”.<sup>7</sup>

Aquiles sugere que essa deveria ser a postura imediata de todo o exército (151-3, 206-7), e é contra isso que reage Odisseu em seu segundo discurso, no qual ele não só estabelece de forma indireta a diferença entre Aquiles e o restante dos homens, mas assume o comando temporário do exército, que, desde o início da assembleia, parecia, de certa forma, indefinido.<sup>8</sup> Aquiles pedira que Agamêmnon instigasse (*ótrunon*, 69) os aqueus ao combate; Agamêmnon, que Aquiles o fizesse (*órseu... órnuthi*, 139). Depois que Odisseu critica Aquiles por instigar

<sup>4</sup> Note-se que Odisseu é o primeiro a explicitar que Agamêmnon deve trazer os presentes *es méssên agorén* (“para o centro da ágora”, 173) a fim de que todos os aqueus os vejam (172-4).

<sup>5</sup> A “natureza humana” não é explicitamente explorada no discurso de Aquiles, mas implicitamente sim: ao insistir no luto exacerbado por Pátroclo, Aquiles, de certa forma, está se rebelando contra a intrínseca mortalidade humana aceita por todos que seguem o tempo costumeiro de luto (225-30); a alimentação humana, necessária segundo Odisseu, está em contraste com a alimentação divina que o jejuante Aquiles recebe (342-54); por fim, na *Teogonia* e em *Trabalhos e dias* (cf. Vernant 1992), formas de alimentação distinguem deuses e homens por meio da imagem do “estômago” (*gastér*).

<sup>6</sup> Repare-se na expressão *epeígómenos per Árēos* (“embora sôfrego por Ares”), usada duas vezes por Agamêmnon (142, 189); ela não volta em outra passagem homérica.

<sup>7</sup> Acerca dessa passagem, cf. Lowenstam (1993, p. 71, n. 35): o trecho seria irônico, pois Aquiles reafirma o que Agamêmnon nele criticara em *Il.* 1, 177, a saber, que só lhe interessa a matança; cf. também Pucci (1995, p. 168), que defende que se trata do mesmo desejo antropófago de *Il.* 22, 346-7.

<sup>8</sup> Compare-se com a forma como Agamêmnon põe o exército em ação no primeiro dia de combate (*Il.* 2, 370-99).

(*ótrunen*, 156) os aqueus a combater em jejum, Aquiles critica Odisseu e Agamêmnon por estarem instigando (*otrúneton*, 205) os aqueus para uma refeição, quando o que pesa é a vergonha causada por Heitor. Assim, ao usar *otruntús* (“ordem”, 234), o substantivo cognato do verbo recorrente nessa cena, Odisseu dá como definitiva a determinação de que se coma antes do início do enfrentamento (230-7):<sup>9</sup>

Todos que sobrem da batalha odiosa  
 devem mentalizar comida e bebida para ainda mais  
 pelejarmos com varões inimigos sempre sem cessar,  
 vestindo o corpo com bronze duro. Ninguém da tropa  
 se contenha aguardando outra *ordem*,  
 pois esta é a *ordem*: terá problemas todo que ficar  
 junto às naus argivas; não, reunidos avançando,  
 despertemos o afiado Ares contra os troianos doma-cavalo.

A batalha que se desenrolará nos cantos 20 a 22 do poema, porém, só terá um protagonista, Aquiles. Isso, retrospectivamente, acentua certa falta de coesão entre esse trecho exortativo, a última parte do segundo discurso de Odisseu, e o segundo tópico desse mesmo discurso, um símile ou metáfora (221-4):<sup>10</sup>

Rápido os varões se saciam do prélio [*phulópidos péletai kóros*],  
 no qual o bronze enche o chão de muita palha  
 e a colheita é ínfima, e quem faz os pesos da balança pender  
 é Zeus, que administra a guerra entre os homens.

No início do discurso, diz-se que a saciedade do combate chega rápido; no fim, que se deve pelejar sem cessar. Imagens da esfera agrícola ilustram uma batalha poucas vezes na *Iliada*, de sorte que a noção de *kóros* (“saciedade”) parece ser utilizada por Odisseu porque Aquiles insiste no fato de que os aqueus devem partir para a luta sem se alimentar previamente, ou seja, o gatilho para a escolha da imagem seria a relação entre saciedade e alimento. Vejamos quais os contextos de uso dessa noção no poema.

### **KÓROS, KORÉNNUMAI E AKÓRĒTOS**

Na poesia homérica, o substantivo *kóros* geralmente “é usado com alimento, bebida, lamento e guerra, e é inerente ao uso homérico de *kóros* a noção de um limite natural que, quando alcançado, resulta na interrupção do ato”.<sup>11</sup> Para Latacz, o verbo cognato *korénnumai* denota um processo puramente físico de satisfação,<sup>12</sup> evidente sobretudo em contextos nos

<sup>9</sup> Esse substantivo só aparece aqui em todo o *corpus* hexamétrico.

<sup>10</sup> O discurso começa com Odisseu delimitando sua autoridade em relação àquela de Aquiles: este é o melhor guerreiro, mas aquele sobressai na inteligência e na prudência (216-19).

<sup>11</sup> Cf. Irwin (2005, p. 212).

<sup>12</sup> Cf. Latacz (1966, p. 180ss.).

quais se fala da nutrição de animais.<sup>13</sup> No canto 19, Odisseu introduz o tema da saciedade em seu primeiro discurso usando esse verbo (167-70):

ὄς δέ κ' ἀνὴρ οἴνοιο κορεσσάμενος καὶ ἔδωδῆς  
 ἀνδράσι δυσμενέεσσι πανημέριος πολεμίζῃ,  
 θαρσαλέον νύ οἱ ἦτορ ἐνὶ φρεσίν, οὐδέ τι γυῖα  
 πρὶν κάμνει πρὶν πάντα ἐρωῆσαι πολέμοιο.

O varão que, saciado de vinho e comida,  
 peleja com varões inimigos o dia inteiro,  
 tem um coração audaz no íntimo, e seus membros  
 não se cansam antes de todos desistirem da batalha.

Nessa passagem, Odisseu estabelece relações causais entre a alimentação satisfatória de um guerreiro, a coragem física e mental e a capacidade (e talvez o desejo) de lutar o dia inteiro. Embora essas relações sejam relevantes em seu segundo discurso,<sup>14</sup> esse trecho parece estar em contradição com sua afirmação, no segundo discurso, de que a saciedade de guerrear vem rápido (221-4).

Quero propor como vetor do segundo discurso de Odisseu a crítica à vinculação entre combate e luto pelos companheiros caídos proposta por Aquiles. Quando Tétis traz as armas de Hefesto, ela encontra Aquiles “deitado junto a Pátroclo [...] em choro agudo” (4-5). Ora, luto e combate não tendem a se unir no poema. A dor pela morte de um companheiro caro pode paralisar um guerreiro (*Il.* 17, 694-8) e, no limite, fazê-lo cometer suicídio (*Il.* 18, 26-34). Além disso, o que motiva os guerreiros é a proteção dos companheiros, ou seja, proteger quem está vivo não é a mesma coisa que lutar *pelos* mortos. O que se tem no poema são lutas pelo cadáver de um companheiro morto ou vingança contra aquele que o matou, ambos motivados por piedade e/ou honra.<sup>15</sup> Assim, o luto, associado ao desejo de vingança, como combustível do combate tal como explicitado por Aquiles (*Il.* 19, 209-14), é algo inédito. Entretanto, talvez fosse possível contextualizar melhor, no âmbito da tradição, esse “luto sangüinário”, se entendêssemos melhor as “gotas de sangue” do luto de Zeus por Sarpédon (*Il.* 16, 459-61).

Fato é que, no discurso de Odisseu que segue ao de Aquiles, a necessidade da nutrição humana produz uma relativização da necessidade do luto. Nesse sentido, pode-se defender que, ao insistir na comida em seu primeiro discurso, Odisseu deixa implícito que apenas essa, ao contrário do combate (imediato), é necessária. Além disso, após mencionar a necessidade de vinho e comida para se aguentar o combate (160-6), Odisseu usa, com

<sup>13</sup> Em *Il.* 11, 562, por exemplo, de um burro (“com esforço o afastam, após se fartar de pasto”).

<sup>14</sup> Como se viu na passagem citada acima (*Il.* 19, 230-7).

<sup>15</sup> Cf., por exemplo, *Il.* 16, 492-500 (o moribundo Sarpédon dirigindo-se a Glauco) e a luta pelo cadáver de Pátroclo no canto seguinte.

esse mesmo par, o verbo *korénumai*<sup>16</sup> e não, como Diomedes em *Il.* 9, 705-6, “deleitar-se” (*téropomai*).<sup>17</sup> *Téropomai* sempre implica uma satisfação que é acompanhada de sentimentos positivos.<sup>18</sup> O corpo, porém, tem em primeiro lugar a necessidade de se alimentar para executar bem a árdua tarefa da guerra; trata-se de uma necessidade que iguala homens e animais.<sup>19</sup> Ao esvaziar até mesmo a alimentação de qualquer prazer intrínseco, Odisseu reforça que o combate também não o possui.

Ao ser usado com choro ou lamento como seus complementos, *korénumai* também parece denotar, em primeiro lugar, um processo natural e necessário, como nesta fala de Príamo (*Il.* 22, 426-7): “Heitor! Como devia ter morrido em meus braços: / então nos saciaríamos [*koressámetha*] de choro e pranto, / a mãe, que, desventurada, o pariu, e eu mesmo”. Na *Odisseia*, porém, mais que na *Iliáda*, a distinção entre (satisfação de uma) necessidade e prazer, no caso do lamento, não é nítida. Diz Menelau, lembrando-se dos aqueus mortos em Troia, a Telêmaco e Pisítrato (*Od.* 4, 100-3):

ἀλλ' ἔμπης, πάντας μὲν ὀδυρόμενος καὶ ἀχεύων,  
πολλάκις ἐν μεγάροισι καθήμενος ἡμετέροισιν  
ἄλλοτε μὲν τε γόῳ φρένα τέρομαι, ἄλλοτε δ' αὖτε  
παύομαι· αἰψηρὸς δὲ κόρος κρυεροῖο γόοιο.

Mas, ainda que chorando a todos, angustiado,  
muitas vezes sentado em nosso palácio –  
primeiro com lamento deleito-me [*téropomai*] no peito, depois  
paro: rápido alguém se sacia [*koros*] do lamento gelado.

O deleite está presente em uma atividade que implica sofrimento, ainda que a saciedade não demore muito a chegar.<sup>20</sup>

Ainda menos nítido é o uso do termo em contexto bélico. Odisseu, em seu segundo discurso no canto 19, afirma que a saciedade na batalha vem rápido (221-4), o que serve, em primeiro lugar, para contrapor Aquiles ao resto dos aqueus, já que retoma, de forma indireta, uma sugestão acerca de Aquiles feita por Agamêmnon em sua primeira intervenção

<sup>16</sup> Cf. *Il.* 19, 160-7: “Ordena aos aqueus ingerirem nas naus velozes / pão e vinho, pois isso é o ímpeto e a bravura. / O dia inteiro até Sol se pôr não consegue / o varão, sem se cuidar com pão, pelejar de frente: / mesmo que no ânimo intencione combater, / sem que o perceba os membros pesam, lhe advém / sede e fome, e os joelhos fraquejam quando vai. / O varão que, saciado de vinho e comida [...]”

<sup>17</sup> “Agora deitai-vos, tendo deleitado o caro coração / com pão e vinho, pois isso é ímpeto e bravura” (*vñn mèn koimḗsasqe tetarpoménoi filon ḗtor / sítu kai oínoio· tò gàr ménos ésti kai álkiḗ, Il.* 9,705-6).

<sup>18</sup> Cf. Latacz (1966, p. 181): “*Tarp-* muss einen stets mit ausgesprochen angenehmen Gefühlen verbundenen Sättigungsvorgang bezeichnen”.

<sup>19</sup> Cf. *Il.* 8, 379-80 (sem. 13, 831-2); 22, 509 etc. e Kelly (2007, p. 317-8), que discute o tema do cadáver como alimento que satisfaz cães e pássaros.

<sup>20</sup> Acerca da economia do lamento na *Odisseia*, especialmente no canto 4, cf. Werner (2018, p. 178-92 e 231-40).

(Aquiles como “sôfrego por Ares”, 142). Essa caracterização de Aquiles é desenvolvida por Agamêmnon no canto 1<sup>21</sup> e explicitada ou exemplificada pelo próprio Aquiles antes do segundo discurso de Odisseu no canto 19.<sup>22</sup> Assim, o discurso de Odisseu quer sugerir que a participação em um combate, atividade cuja essência e/ou excesso são representados por Aquiles no terço final da *Ilíada*, é um processo cuja naturalidade é relativa, pois depende da nutrição adequada. Nesse sentido, Aquiles seria uma deturpação do guerreiro pela chave do excesso.<sup>23</sup>

Por outro lado, *akórētos* (“insaciável”), o adjetivo cognato com alfa privativo do verbo em questão, qualifica guerreiros que não se saciam de combate, ou seja, para os quais o combate é, em si, algo natural e, quiçá, necessário. Agamêmnon o utiliza para elogiar Heitor: “ainda que seja impávido [*adeiēs*]<sup>24</sup> e não se farte [*akórētos*] de guerrear” (*Il.* 7, 117). O mesmo faz Homero em sua própria voz por meio de uma focalização secundária acerca dos dois Ájax (*Il.* 12, 335).<sup>25</sup>

Outro exemplo ocorre no início do canto 20, a abertura da narrativa do combate de Aquiles contra os troianos (*Il.* 20, 1-3): “Assim os aqueus se armavam junto às naus recurvas / em torno de ti, filho de Peleu, não fartos de luta [*mákhēs akórētoi*], / e os troianos, no outro lado, na elevação do plaino”. Essa é a única apóstrofe dirigida a Aquiles no poema,<sup>26</sup> e talvez isso tenha contribuído para que duas variantes do adjetivo tenham sido transmitidas: *akórēton*, referindo-se a Aquiles, e *akórētoi*, aos aqueus. Aquela é a forma melhor atestada, mas esta, segundo Edwards, “se adequa melhor ao estilo formular e dá um sentido melhor”,<sup>27</sup> já que, seguindo o que propusera Odisseu no canto anterior, os aqueus foram alimentados e agora estão prontos para lutar. A variante do adjetivo que concorda com Aquiles reforça sua excepcionalidade; aquela que concorda com aqueus, por sua vez, sugere que todo guerreiro, pelo menos por um tempo, é “insaciável de combate”.

Seja como for, o conjunto de passagens indica que, no mesmo contexto, o do combate, pode-se falar que a saciedade vem rápido ou não, dependendo da motivação do

<sup>21</sup> Cf. *Il.* 1, 176-7: “És-me o mais odioso dos reis criados por Zeus; / briga, guerras e combates sempre te são caros”.

<sup>22</sup> Cf. *Il.* 19, 213-4: “[...] disso não me ocuparei no juízo, / e sim de matança, sangue e do aflitivo gemido dos varões”. Essa passagem já foi mencionada acima.

<sup>23</sup> Dólón e Tersites (e talvez, em certos instantes, Páris), na *Ilíada*, na chave da falta.

<sup>24</sup> Na poesia hexamétrica, *bápaξ* com esse sentido; cf. Snell (1955-2010, s.v. ἀδείης, ἀδειής, ἀδδειής).

<sup>25</sup> Cf. *Il.* 12, 331-6: “Vendo-os, Menesteu, filho de Peteu, sentiu calafrios, / pois iam contra sua torre, levando desgraça. / Esquadrinhou o muro dos aqueus, esperando ver um / capitão que afastasse o dano dos companheiros. / Notou os dois Ájax, que nunca se fartam de guerrear, / firmes, e Teucro, há pouco chegando da cabana”. Acerca da focalização secundária com verbos de percepção (como “notou”, ἐς δ’ ἐνόησ’, na passagem acima), cf. de Jong (1987, p. 102-4): “que nunca se fartam de guerrear” (πολέμου ἀκορήτω) colore emocionalmente (parafraseando de Jong) a narrativa, não se tratando de uma qualificação objetiva dos dois Ájax.

<sup>26</sup> Acerca do uso da apóstrofe nos poemas homéricos, cf. de Jong (2009, p. 94-7), para quem a função principal dessa figura é contribuir para a *enárgeia*.

<sup>27</sup> Edwards (1991, p. 288).

guerreiro: há aqueles que nunca se saciam de lutar. Além disso, a necessidade, o desejo e o prazer da guerra não são muito facilmente comparáveis àqueles do consumo de bebida e comida, como ficará ainda mais claro na próxima seção.

### ÁSAI / ÁMENAI, ÁDĒN E (Á)ATOS

A mesma constelação semântica composta por *kóros* e termos cognatos pode ser expressa de duas outras maneiras, todas as três significando, em primeiro lugar, a satisfação de um desejo ou necessidade. Um grupo de expressões é aquele composto pelo verbo *ásai/ámenai* (“saciar/saciar-se”) e o adjetivo *(á)atos* (“insaciável”).<sup>28</sup>

No canto 19, depois de os presentes de Agamêmnon serem trazidos para Aquiles e colocados no centro (238-51) e Aquiles concluir a assembleia (268-75), ouve-se mais um lamento por Pátroclo, desta vez entoadado por Briseida (282-300). Na sequência, a voz de Homero nos informa que os *gérontes* estão na cabana de Aquiles implorando que ele também coma. Aquiles responde (306-8): “não me peçaís que antes, com comida e bebida, / satisfaça [*ásasthai*] meu caro coração [*étor*], pois terrível aflição me atingiu; / até o sol se pôr irei aguardar e resistir apesar de tudo”. Como resultado, a maioria dos *gérontes* deixa a cabana, mas alguns, segundo a voz de Homero, permanecem “para deleitar [*térpontos*] quem sofria copiosa angústia: no ânimo não / se deleitaria [*térpeto*, sc. Aquiles] antes de entrar na boca de batalha sangrenta”.<sup>29</sup> Não é claro como os anciãos o poderiam deleitar, mas o contexto da cena e do canto sugere que a nutrição seria o modo principal ou, pelo menos, um deles. Todavia, o uso da expressão “boca de batalha”<sup>30</sup> indica que o desejo de Aquiles só será satisfeito de um modo: matando inimigos. É nesse contexto que se deve entender por que Aquiles, no lamento que segue (315-37), inicia se lembrando das refeições que Pátroclo lhe preparava antes da batalha.<sup>31</sup> Luto, jejum e desejo de sangue são indissociáveis na representação de Aquiles, de tal forma que o único leite possível para ele, no momento, é o sangue de troianos mortos. O poeta da *Iliada* não usa o verbo *térpomai* com sangue, mas a construção da passagem, especialmente dos versos 312 a 313, sugere a ligação entre os dois.<sup>32</sup>

Pode-se falar de um guerreiro morto como quem sacia (*ásai*) Ares de sangue (5, 289; 20, 78; 22, 267) bem como da saciedade (*ádēn*) de combate (13, 315). Desse mesmo núcleo

<sup>28</sup> A raiz dessas palavras é a mesma do latim *satis*, da qual deriva “saciedade”; cf. Chantraine (1999, p. 121-2).

<sup>29</sup> Τέρποντες πυκινῶς ἀκαχήμενον· οὐδέ τι θυμῷ / τέρπετο, πρὶν πολέμου στόμα δύμεναι αἱματόεντος (Il. 19, 312-3).

<sup>30</sup> É provável que a expressão derive da imagem das mandíbulas de um predador, à qual se pode juntar a de Ares sendo saciado pelo sangue de guerreiros mortos (Il. 5, 289 etc.): cf. Coray (2016, p. 143) com bibliografia suplementar.

<sup>31</sup> Cf. Pucci (1998, p. 104).

<sup>32</sup> Cf. o destaque dado a “deleitar-se”, duas vezes no início do hexâmetro, e a aliteração de /t/ no segundo verso, unindo “se deleitaria”, “boca” e “sangrenta”: τέρποντες πυκινῶς ἀκαχήμενον· οὐδέ τι θυμῷ / τέρπετο, πρὶν πολέμου στόμα δύμεναι αἱματόεντος.



imagético faz parte a personificação de lanças durante o combate (21, 69-70): “a lança passou sobre suas costas e na terra / ficou de pé, buscando saciar-se [*ámena*] com carne humana”.<sup>33</sup> O deus Ares ele mesmo (ou, por metonímia, o campo de batalha), lanças, feras (lobos e leões em símiles e comparações) e guerreiros, todos se besuntam de sangue, de sorte que matar (uma presa e deleitar-se com ela) é uma atividade que se verifica nas esferas divina, humana e animal.

Ares pode ser, para Zeus, o mais odioso dos deuses, mas estes podem se deleitar com o espetáculo sangrento da guerra, por exemplo, um combate singular (*Il.* 7, 17-66). Na representação de uma cidade em guerra no novo escudo de Aquiles, Ares e Atena lutam juntos beneficiando um dos exércitos (*Il.* 18, 516-9). Essa vinheta é finalizada com três divindades (Briga, Refrega e Funérea, 535) que lutam cobertas de sangue (“nos ombros, sua veste estava rubra de sangue dos homens”, 538).<sup>34</sup>

Quanto à esfera animal, duas imagens envolvendo o lobo ilustram muito bem a ausência de fronteira entre essa esfera e a humana quando se trata do combate (*Il.* 16, 156-63).<sup>35</sup>

[...] Como lobos  
devora-cru, com juízo envolto por bravura indizível  
ao abaterem grande cervo chifrudo nas montanhas  
e o dilacerarem: em todos há sangue na face, rubra;  
então se movem em matilha para de fonte água-escura  
lamber, com as línguas estreitas, água preta  
na superfície e arrotam matança sanguínea; o ânimo  
no peito é intrépido, e o estômago grunhe –  
desse modo os líderes e dirigentes dos mirmidões [...]

A valentia dos lobos é aquela dos heróis, como se depreende dos usos de *alké* (“bravura”, 157), termo que no imaginário épico está ligado a Ares,<sup>36</sup> e *thymôs átromos* (“ânimo intrépido”, 162-63).<sup>37</sup> O foco desse símile, porém, é o sangue, cuja presença é rara nos símiles que mencionam feras caçando.<sup>38</sup>

Alguns comentadores insistem que esse símile é tanto mais inquietante por não amplificar um momento do combate propriamente dito.<sup>39</sup> Mas algo desse símile aparece nesta comparação de Menelau a um leão (*Il.* 3, 21-28):

<sup>33</sup> Cf. também *Il.* 11, 574. Para uma discussão desse sistema de metáforas, cf. Moulton (1979, p. 288-9).

<sup>34</sup> Diversos estudiosos modernos defendem atetizarem-se os versos 535-8; *contra*, entre outros, Erbse (1986, p. 28). Não me parece haver um argumento conclusivo para um lado ou outro.

<sup>35</sup> Acerca da ambiguidade do lobo na *Iliada*, cf. Schnapp-Gourbeillon (1981, p. 50-2).

<sup>36</sup> Cf. Collins (1998, p. 17-37).

<sup>37</sup> O *ménos* de Diomedes insuflado por Atena em *Il.* 5, 125-6 é *átromos*.

<sup>38</sup> Nas palavras de Schnapp-Gourbeillon (1981, p. 51-2), “le sang ruisselle de manière presque indécente (détail passé sous silence dans la totalité des images iliadiques du lion)”.

<sup>39</sup> Por exemplo, Schnapp-Gourbeillon (1981, p. 52).

Quando Menelau caro-a-Ares o percebeu  
vindo para diante da multidão a passos largos,  
alegrou-se como leão que topa grande carcaça,  
encontrando veado chifrudo ou cabra selvagem,  
faminto: ávido a devora, mesmo que a ele  
cães velozes e jovens viçosos afugentem –  
assim alegrou-se Menelau ao ver, com os olhos,  
o divinal Alexandre: pensou que puniria o infrator.

Em que pesem as diferenças, duas imagens explicitam o consumo de alimento (sangrento)<sup>40</sup> que antecede um instante de combate.

Sangue e lobos também estão ligados nesta comparação feita por Aquiles (*Il.* 22, 261-7):

“Heitor, não me fales de acordos, maldito.  
Assim como não há pactos de confiança para leões e varões,  
nem lobos e cordeiros têm ânimo concorde,  
mas pensam males uns para os outros sem cessar,  
assim não é possível sermos amigos eu e tu, e para nós  
não haverá pactos antes que um de nós, tendo caído,  
com o sangue sacie [*ásai*] o guerreiro Ares porta-escudo. [...]”

Aquiles utiliza o mesmo verbo ao se dirigir a seus cavalos antes de entrar em combate (*Il.* 19, 400-3 e 420-3):

“Xanto e Bálio, filhos fama-longínqua de Podarga:  
pensai de outro modo em como salvar o auriga  
de volta ao grupo de dânaos após nos saciarmos [*héomen*]<sup>41</sup> de luta  
e não como deixastes Pátroclo lá mesmo, morto”.  
[...]  
“Xanto, por que profetizas minha morte? Não precisas.  
Eu mesmo sei muito bem que minha sina é morrer aqui,  
longe do caro pai e da mãe. Mesmo assim não cessarei  
antes de fazer os troianos se saciarem [*áden*]<sup>42</sup> do combate”.

Do ponto de vista de Aquiles, saciar-se de luta é equivalente a vingar-se a contento dos troianos, ou seja, satisfazer algo que está entre a necessidade e o desejo. Para os troianos,

<sup>40</sup> “Carcaça” executa, em parte, o papel aterrorizador do sangue no símile dos lobos. O termo traduz *sôma* que, em Homero, sempre se refere a um animal ou humano sem vida (Clarke, 1999, p. 116-7). Repare-se que Aquiles tem um prazer escandaloso com a “carcaça” de Heitor (*Il.* 24, 18-54).

<sup>41</sup> Para uma explicação morfológica dessa forma, cf. Coray (2016, p. 179).

<sup>42</sup> Com espírito brando ou áspero, dependendo da edição, ἄδην é provavelmente um acusativo ossificado de um substantivo relacionado com a raiz de ἄμνειν, sendo usado adverbialmente; cf. Coray (2016, p. 187). O substantivo *kéros* lhe é equivalente (cf. Janko 1992, p. 87).

porém, saciarem-se é serem obrigados a lutar até não aguentarem mais. Nesse contexto, o adjetivo com alfa privativo *átos* pode ou não ser elogioso, como nessa fala de Atena a Aquiles antes de matarem Heitor (*Il.* 22, 216-8): “Agora espero que nós dois, caro-a-Zeus, insigne Aquiles, / levaremos às naus grande glória para os aqueus / após abatermos Heitor, embora ele não se sacie [*áaton*] de lutar”. Não é claro se se trata de um elogio ao herói.<sup>43</sup>

De fato, o uso do adjetivo nessa expressão parece derivar de uma fórmula que define a essência de Ares, sendo usado por Dione para caracterizar o deus (*Il.* 5, 385-91):<sup>44</sup>

Ares suportou-o quando Oto e o brutal Efiltes,  
filhos de Aloeu, o prenderam em laço forte;  
ficou amarrado em barril de bronze por treze meses.  
Lá teria perecido Ares, insaciável de combate [*Árēs átos polémoio*],  
se a belíssima Eriboia, a madrastra deles,  
não tivesse avisado Hermes, que surrupiou Ares,  
já torturado, pois o duro laço o subjugara.

Pelo menos na *Ilíada*, Ares, segundo Pucci, simboliza a derrota, ou seja, todo herói vinculado a esse deus por uma comparação (e nenhum herói é mais assimilado a ele que Heitor)<sup>45</sup> não está sendo propriamente elogiado.<sup>46</sup> Além disso, nessa passagem, Ares é aproximado da essência dos humanos, sua mortalidade.<sup>47</sup>

O mesmo adjetivo é usado para Aquiles por Polidamas quando este conversa com Heitor (*Il.* 13, 746-7): “pois junto às naus aguarda um varão insaciável / de combate [*anēr átos polémoio*],<sup>48</sup> que, não creio, muito mais se absterá da luta”. A fórmula somente é usada para personagens que não se cansam de matar, ou seja, para os quais não há um limite natural nessa atividade: sua essência é o combate.<sup>49</sup>

Isso é corroborado pelo único outro contexto de uso do adjetivo na poesia épica arcaica. Soco faz um desafio a Odisseu iniciando por um epíteto e um sintagma que não aparecem outra vez na *Iliada* (*Il.* 11, 430): “Odisseu muita-história, insaciável de ardis [*dóloi*] e labutas [*pónoi*]”. A jactância depreciativa de Soco fracassa, pois, com a ajuda de Palas Atena, Odisseu não só consegue escapar do ataque, mas matar seu oponente (436-48). Quando o

<sup>43</sup> Segundo Pucci (2010, p. 206, n. 15) “the phrase (or module) μάχης ἄατόν περ ἔόντα (218) is unique for Hector in the *Iliad* and here sounds doubly strange since Hector has run away from the battle with Achilles. Notice that Athena will have to persuade him to fight τόνδε δ’ ἐγὼ τοι / οἰχομένη πεπιθήσω ἐναντίβιον μαχέσασθαι (222-23). Besides it is not sure what value, causal or concessive, the participle has”, a respeito do que ele remete a Bakker (1988, p. 134-7).

<sup>44</sup> A fórmula é usada para Ares em *Il.* 5, 863 e 6, 203.

<sup>45</sup> Repare-se que os deuses cogitam enviar Hermes para surrupiar o cadáver de Heitor (*Il.* 24, 22-6).

<sup>46</sup> Cf. Pucci (2010, p. 207-22): “in the *Iliad*, Ares symbolizes defeat” (p. 207).

<sup>47</sup> Cf. Pucci (2010, p. 21-2).

<sup>48</sup> Repare-se nas equivalências fônicas entre *anēr* e *Árēs*.

<sup>49</sup> Na *Teogonia* 714, a fórmula *Árēs átos polémoio* é adaptada para Gíges, *Gýēs áatos polémoio*: novamente o adjetivo se refere a um nome com duas sílabas, sendo a vogal da segunda um eta.

adjetivo faz sua aparição única na *Odisseia*, é utilizado por Atena para definir Odisseu (*Od.* 13, 291-5):

Ladino e furtivo aquele que te ultrapassasse  
em todos os ardis, mesmo se um deus te topasse.  
Terrível, variegada-astúcia, insaciável de ardis! Não ias,  
nem mesmo estando em tua terra, cessar os engodos  
e discursos furtivos, que do fundo te são caros.

O adjetivo, portanto, pode servir para definir a essência de um guerreiro, ou seja, do ponto de vista do receptor, para manifestar o *kléos* desse guerreiro. Nesse sentido, pode-se falar de algo natural e necessário, mas, ao mesmo tempo, como algo que envolve prazer de parte do sujeito (“te são caros”, *Od.* 13, 95) e admiração de quem o julga, inclusive da parte do receptor, do qual se pode dizer que não se sacia de ouvir narrativas como a presente.

Ainda que Latacz esteja correto ao assinalar que certos usos de *téropomai* e dos outros verbos vistos até agora não se confundem, isso não significa que naqueles que se costuma traduzir por “saciar(-se)” ou “satisfazer(-se)” se possa identificar com facilidade um substrato puramente “animal” ou “natural” exemplificado em passagens como esta, na qual Hécuba assinala o que a Moira estabeleceu para Heitor (*Il.* 24, 209-16):

[...] isto a poderosa Moira para ele [*sc.* Heitor],  
ao nascer, com a linha fiou quando eu o pari,  
que saciasse [*áσαι*] cães velocípedes longe dos pais,  
junto a um homem brutal [*sc.* Aquiles], com um fígado que eu gostaria  
de comer, mordendo no meio: seria a retribuição  
por meu filho, pois não o matou como a um covarde,  
ele que, diante de troianos e troianas bem-drapeadas,  
postou-se e não mentalizou nem fuga nem escapada.

O canibalismo imaginário de Hécuba, que espelha a selvageria de Aquiles, explora a quebra de fronteiras entre humano e animal. A mesma combinação que faz do combate marcial um repasto selvagem está presente no início e no fim do poema por meio do mesmo termo, o *daís* (“banquete”), ocasião social civilizada por excelência: a voz de Homero, no próêmio do poema, afirma que da cólera de Aquiles derivaram muitos mortos, “presas de cães / e banquete de aves” (*Il.* 1, 4-5),<sup>50</sup> e Apolo, que a selvageria de Aquiles o aproxima de um leão que “vai aos rebanhos dos mortais para seu banquete” (*Il.* 24, 43).

<sup>50</sup> Na minha tradução, adoto, para *Il.* 1, 5, a leitura de Zenódoto (οἰωνοῖσι τε δαῖτα) referida por Ateneu (cf. o aparato crítico em van Thiel 2010). Para uma defesa dessa lição, cf. Latacz (2010, p. 19-20). Passagens dos três trágicos indicam que os versos com *daíta* deviam ser conhecidos no séc. V a.C. A versão de Zenódoto, por certo, não é testemunhada por nenhum papiro, escólio ou manuscrito do poema, o que é um argumento forte para quem prefere o texto οἰωνοῖσι τε πᾶσι, como West (1998).

**ÉROS E HÍMEROS**

Do mesmo campo semântico discutido até aqui é a expressão *ex éron heînai*, uma fórmula comum na *Iliada* e na *Odisseia* para indicar a finalização de uma refeição (*Il.* 1, 469): “após apaziguarem o desejo por comida e bebida”. Como outras expressões já discutidas, também essa é usada para o lamento.<sup>51</sup> Assim, diz Príamo a Hécuba antes de partir em busca do cadáver de Heitor (*Il.* 24, 224-7):

[...] Se me cumpre  
 estar morto junto às naus dos aqueus couraça-brônzea,  
 eu prefiro: Aquiles poderia me matar tão logo eu tivesse  
 apaziguado o desejo [*ex éron heîen*] por lamento com meu filho nos braços.

O luto de Príamo se destaca no último canto em relação àquele dos troianos restantes e mesmo em relação aos membros de sua extensa família (160-8). De novo, o poeta parece desdobrar ou explicitar a ligação intrínseca ou primeira entre saciedade e alimentação<sup>52</sup> ao explorar a necessidade, o desejo e os limites do luto lamentoso. No discurso de Hécuba (201-16) que gera a resposta de Príamo citada parcialmente acima, sobressaem os excessos alimentares, já mencionados no final da seção anterior; de fato, o primeiro epíteto que escolhe para Aquiles é “devora-cru” (*ômestês*, 207), somente aqui usado para um humano.<sup>53</sup> Além disso, e não menos importante, o encontro entre Aquiles e Príamo, marcado por choro, será selado por uma refeição.

Passo agora a duas passagens centrais para a discussão proposta. A primeira é um símile utilizado para marcar o fim de uma intensa manhã de combate (*Il.* 11, 86-9):

quando o varão lenhador prepara seu almoço  
 em um vale da montanha, pois fartou-se [*ekoréssato*], nos braços,  
 de cortar grandes árvores, saturação [*hádos*] atinge seu ânimo  
 e desejo [*hímeros*] por doce alimento enlaça seu juízo [...].

O símile marca, em primeiro lugar, o fim do período matutino da batalha que começa no início do canto 11. Como na metáfora usada por Odisseu no canto 19, trata-se de um dos momentos em que são aproximadas a guerra e uma tarefa ligada ao mundo vegetal, aqui, a extração. Ressalte-se que a dura atividade que o lenhador executa já o extenuou, e por isso mesmo deseja a pausa para se alimentar. O alimento, porém, como sugere o adjetivo “doce” (*glukerús*), aparece como algo desejável em si mesmo, não como fornecedor de energia para

<sup>51</sup> O verbo *ásai/ámenai* também é usado com choro e lamento implicando a satisfação de uma necessidade (*Il.* 23, 154-60 e 24, 716-7).

<sup>52</sup> Cf. *Il.* 24.

<sup>53</sup> Hécuba não chama Aquiles pelo nome em nenhum momento em seu discurso; no verso 207 ele é apenas “varão” (*anér*). Nesse mesmo canto, o adjetivo *ômestês*, utilizado apenas quatro vezes na *Iliada*, qualifica peixes em um símile (*Il.* 24, 82).

a continuação da tarefa até o fim do dia. Idêntico uso de *bímeros* tem-se no *Hino homérico a Apolo* 458-61:<sup>54</sup>

Esta é a marca dos homens come-grão,  
sempre que do mar rumo à terra sobre negra nau  
se dirigem, extenuados por fadiga, de pronto a seus  
juízos enlaça o desejo [*bímeros*] por doce alimento.

*Hímeros*, na poesia hexamétrica, costuma ser por sexo e alimento, e pedir satisfação imediata.<sup>55</sup> De fato, o substantivo pode ter o sentido de atração erótica, sobretudo se acompanhado do adjetivo *glukús*.<sup>56</sup> Entretanto, também pode se referir ao lamento,<sup>57</sup> mesmo acompanhado desse adjetivo (*Od.* 22, 500-1). Assim, a forma como Homero narra o fim do lamento conjunto entre Aquiles e Príamo assemelha-se ao final típico de uma refeição (*Il.* 24, 507-16):

Falou, e no outro instigou desejo [*bímeron*] de lamentar o pai;  
pegou a mão do ancião e o afastou gentilmente.  
Os dois mentalizavam, um ao homicida Heitor,  
chorando à larga, agachado diante dos pés de Aquiles,  
e Aquiles chorava seu pai, e, em alternância,  
Pátroclo; o gemido deles enchia toda a morada.  
Mas após o divino Aquiles se deleitar [*telárpeto*] com o lamento,  
e o desejo [*bímeros*] se afastar de seu ânimo e membros,  
de pronto [*antíka*] saltou da poltrona, pela mão ergueu o ancião,  
apiedando-se de suas cãs e da barba grisalha [...].

A intimidade da cena,<sup>58</sup> a ênfase nos corpos dos interlocutores e as expressões do campo semântico do desejo e do prazer talvez evoquem certa atmosfera erótica que se dissipa na sequência.

Minha última passagem para discutir a noção de satisfação talvez seja a mais instigante. Em um momento no canto 13 no qual a batalha não pende claramente para nenhum lado, mas Homero destaca algumas vitórias aqueias, Menelau critica os troianos de uma forma única no poema após ele matar Pisandro e antes de roubar suas armas (*Il.* 13, 620-5; 630-9):

Ao menos deixareis as naus dos dânaos de potros velozes,  
soberbos troianos, nunca fartos [*akóretoi*] do fero alarido,  
vós a quem não faltam outras ofensas e vexames,  
como a mim ofendestes, cadelas vis, e, de modo algum,  
temestes, no ânimo, a dura cólera do trovejante Zeus

<sup>54</sup> Minha tradução do texto grego de Richardson (2010).

<sup>55</sup> Cf. Snell et al. (1991, p. 1194) e Kloss (1994, p. 44-65).

<sup>56</sup> Cf. *Il.* 14, 198 e 14, 216 e Faulkner (2008, p. 130).

<sup>57</sup> *Il.* 23, 14, 108, 153; 24, 507.

<sup>58</sup> Repare que a cena inicia com um icônico beijo das mãos de Aquiles por Príamo (*Il.* 24, 477-9).

hospitaleiro, que um dia destruirá vossa cidade escarpada  
 [...]
   
 Pois um dia vos absteréis de Ares, mesmo ávidos.
   
 Zeus pai, afirmam que, no juízo, superas os outros,
   
 varões e deuses, e de ti se origina tudo isto aqui:
   
 como podes favorecer varões desmedidos [*hubristêisē*],
   
 os troianos de ímpeto sempre iníquo [*atásthalon*], incapazes
   
 de se saciar [*koréasthai*] de combate na guerra niveladora!
   
 De tudo há saciedade [*kóros*], de sono, de amor [*philótēs*],
   
 de doce música e de dança impecável:
   
 espera-se apaziguar o desejo [*ex éron héinaí*] muito mais dessas coisas
   
 que da guerra; os troianos não se fartam [*akórotōi*] de combate.<sup>59</sup>

A condenação moral dos troianos se espraia numa representação de sua postura belicosa que não só está, em boa medida, em desacordo com o restante do poema, mas ignora o eventual impulso guerreiro superlativo dos próprios aqueus.<sup>60</sup> O exagero de Menelau acaba por sugerir, pelo avesso, alguma forma de equivalência entre o desejo de guerrear e atividades que, a princípio, podem ser categorizadas como opostas às atividades bélicas. Como indicam outras passagens no poema, o combate pode gerar um desejo maior que atividades de paz.<sup>61</sup> O que diferencia a guerra dessas outras atividades, portanto, não é tanto o prazer ou o desprazer associado a elas, mas sua potencial inesgotabilidade; ou melhor, o fim da guerra, dadas certas condições,<sup>62</sup> só é alcançado no aniquilamento total do inimigo. Isso, porém, é o ponto de vista da *Iliada* em relação à Guerra de Troia, ou, no mínimo, de algumas personagens do poema em certas situações (por exemplo, em um discurso exortativo). Do ponto de vista da representação da Guerra de Troia na tradição hexamétrica, o fim mesmo é o fim da linhagem dos heróis.

## REFERÊNCIAS

- BAKKER, E. J. *Linguistics and formulas in Homer*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1988.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Avec un supplément. Paris: Klincksieck, 1999.
- CLARKE, M. *Flesh and spirit in the songs of Homer: A study of words and myths*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- COLLINS, D. *Immortal armor. The concept of alkeē in archaic Greek poetry*. Lanham: Rowman & Littlefield, 1998.

<sup>59</sup> A menção do excesso de desejo de combater dos troianos abre (621) e fecha (639) o discurso em anel.

<sup>60</sup> Cf. Loraux (1994, p. 31-7).

<sup>61</sup> A primeira metade do canto 2 é uma boa passagem para se discutir essa dinâmica; cf. Werner (2008).

<sup>62</sup> Por exemplo, o desrespeito troiano ao juramento no canto 4.

- CORAY, M. *Homer's Iliad. The Basel commentary. Book XIX*. Tradução: B. W. Millis & S. Strack. Berlin: de Gruyter, 2016.
- EDWARDS, M. W. *The Iliad. A commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. v. 5, books 17-20.
- ERBSE, H. *Untersuchungen zur Funktion der Götter im homerischen Epos*. Berlin-New York: de Gruyter, 1986.
- FAULKNER, A. *The Homeric hymn to Aphrodite. Introduction, text, and commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HESÍODO. *Teogonia*. Tradução, introdução e notas: C. Werner. São Paulo: Hedra, 2013.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução e ensaio introdutório: C. Werner. São Paulo: SESI-SP; Ubu, 2018a.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução e introdução: C. Werner. Apresentação: R. Martin. São Paulo: Ubu, 2018b.
- IRWIN, E. *Solon and early Greek poetry. The politics of exhortation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- JANKO, R. *The Iliad. A commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. v. 4, books 13-16.
- de JONG, I. J. F. *Narrators and focalizers. The presentation of the story in the Iliad*. Amsterdam: Grüner, 1987.
- de JONG, I. J. F. *A narratological commentary on the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- de JONG, I. J. F. *Metalepsis in ancient Greek literature*. In: GRETHLEIN, J.; RENGAKOS, A. (Org.). *Narratology and interpretation. The content of narrative form in ancient literature*. Berlin; New York: de Gruyter, 2009, p. 87-115.
- KELLY, A. *A referential commentary and lexicon to Homer, Iliad VIII*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- KLOSS, G. *Untersuchungen zum Wortfeld "Verlangen/Begehren" im frühgriechischen Epos*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994.
- LATACZ, J. *Zum Wortfeld "Freude" in der Sprache Homers*. Heidelberg: Carl Winter, 1966.
- LATACZ, J. *et al. Homers Ilias, Gesamtkommentar. Band I. Erster Gesang (A)*. 3. ed. Berlin: de Gruyter, 2010.
- LORAUX, N. *L'Iliade moins les héros. L'inactuel*, v. 1, p. 29-48, 1994.
- LOWENSTAM, S. *The scepter and the spear. Studies on forms of repetition in the Homeric poems*. Lanham: Rowman & Littlefield, 1993.



- MOULTON, C. Homeric metaphor. *Classical Philology*, v. 74, p. 279-93, 1979.
- PUCCI, P. *Odysseus polutropos. Intertextual readings in the Odyssey and the Iliad*. Ithaca: Cornell University Press, 1995.
- PUCCI, P. *The song of the Sirens. Essays on Homer*. Lanham: Rowman & Littlefield, 1998.
- PUCCI, P. The splendid figure of *kudos*. *Lexis*, v. 28, p. 201-25, 2010.
- RICHARDSON, N. J. *Three Homeric hymns. To Apollo, Hermes, and Aphrodite*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- SCHNAPP-GOURBEILLON, A. *Lions, héros, masques. Les représentations de l'animal chez Homère*. Paris: Maspero, 1981.
- SNELL, B. *et al.* (Org.). *Lexikon des frühgriechischen Epos*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1991. v. 2.
- VAN THIEL, H. *Homeri Odyssea*. Hildesheim: Olms, 1991.
- VAN THIEL, H. *Homeri Ilias*. Hildesheim: Olms, 2010.
- VERNANT, J.-P. O mito prometeico em Hesíodo. In: \_\_\_\_\_. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 154-70.
- WERNER, C. Wives, widows and children: war victims in *Iliad* book II. *Antiquité Classique*, v. 77, p. 1-18, 2008.
- WERNER, C. *Memórias da guerra de Troia. A performance do passado épico na Odisseia de Homero*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- WEST, M. L. *Hesiod, Theogony*. edited with prolegomena and commentary. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- WEST, M. L. *Homeri Ilias*. Leipzig: Saur, 1998. v. 1.